

Abril 2026

# CARTA MENSAL



**BNP PARIBAS**  
**ASSET MANAGEMENT**

O investidor  
sustentável para um  
mundo em mudança



- Gilberto Kfour Jr. -

CIO BNP Paribas Asset Management Brasil

// Caros leitores,  
É com grande satisfação que apresentamos a edição deste mês da nossa Carta Mensal. Neste documento nossa equipe de gestão compartilha sua visão sobre os principais acontecimentos do mercado e suas perspectivas diante de um mundo em mudança.  
Agradecemos pela confiança depositada em nosso trabalho e esperamos que essa carta contribua para sua compreensão do atual cenário de investimentos.

Atenciosamente, //

Gilberto Kfour Jr.  
Chief Investment Officer  
BNP Paribas Asset Management Brasil



---

# ECONOMIA

---

---



- Andressa Castro -

Economista-chefe

// OS MERCADOS FINANCEIROS PASSARAM A OPERAR SOB UM REGIME ACENTUADO DE AVERSÃO AO RISCO, CARACTERIZADO PELA APRECIAÇÃO DO DÓLAR FRENTE A MOEDAS PARES //

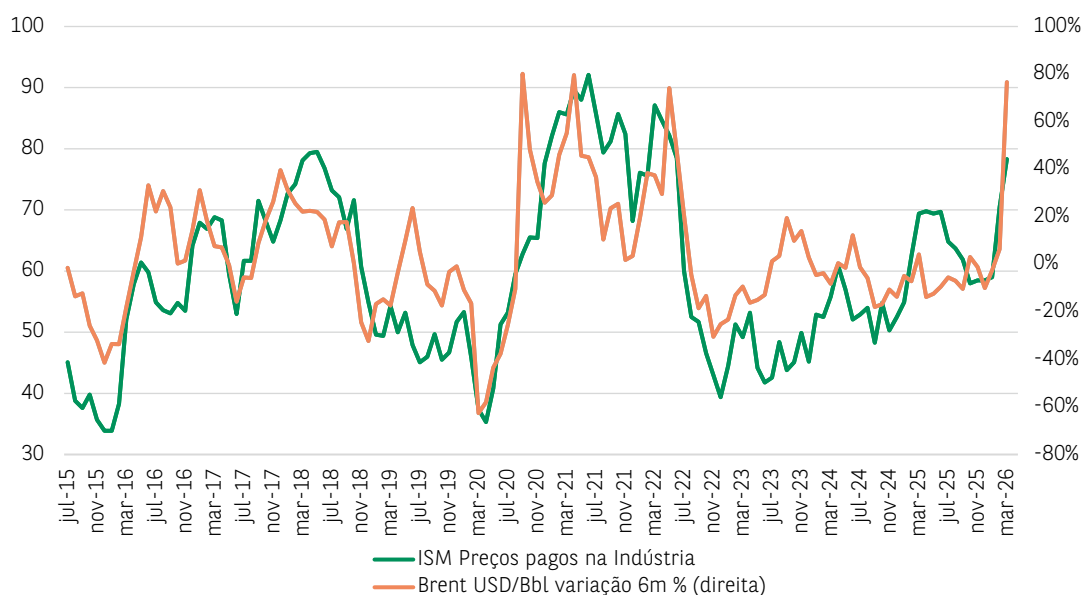
## ECONOMIA INTERNACIONAL

O mês de março foi marcado pelo agravamento do conflito envolvendo Estados Unidos, Israel e Irã, o que levou o preço do petróleo (Brent) a ultrapassar o patamar de US\$ 100 por barril. O fluxo de navios pelo Estreito de Ormuz segue sob controle do Irã, e o mercado já precifica a possibilidade de convivermos com preços estruturalmente mais elevados do petróleo, mesmo na hipótese de algum acordo que leve ao fim do conflito.

Esse choque de oferta impõe um viés estagflacionário à economia global. Algumas evidências, como os PMIs de diversos países e ISM de manufaturas dos EUA, já apontam para os impactos da alta de preços sobre a indústria. O encarecimento da energia tende a se disseminar para outros itens da cesta de consumo, ao mesmo tempo em que corrói o poder de compra das famílias e comprime as margens das empresas, diante do aumento de custos. Nesse ambiente, o mercado reage por dois canais simultâneos: (i) maior aversão ao risco global, com o dólar se destacando como ativo de proteção; e (ii) realocação de capital em direção a economias produtoras e exportadoras de petróleo, como o Brasil e a Austrália, que tendem a ser relativamente menos penalizadas do que economias altamente dependentes dessas commodities, como a Ásia e a Europa.

## Gráfico 01

### Estados Unidos: preços industriais e petróleo



Fonte: Bloomberg e Institute for Supply Management 31/03/2026

Do ponto de vista da condução da política monetária, os bancos centrais passam a operar em um ambiente mais complexo. Por um lado, a alta da inflação demandaria maior restrição monetária, em comparação a um cenário sem choques, no intuito de evitar efeitos de segunda ordem e controlar expectativas de inflação. Por outro, o risco de desaceleração econômica sugeriria uma atuação mais acomodatória. Inicialmente, observou-se uma elevação das taxas de juros de mercado em diversas economias, refletindo a precificação de uma postura mais dura dos bancos centrais no combate à inflação, especialmente porque muitos deles sequer conseguiram reconduzir a inflação às respectivas metas após a pandemia e a guerra entre Rússia e Ucrânia.

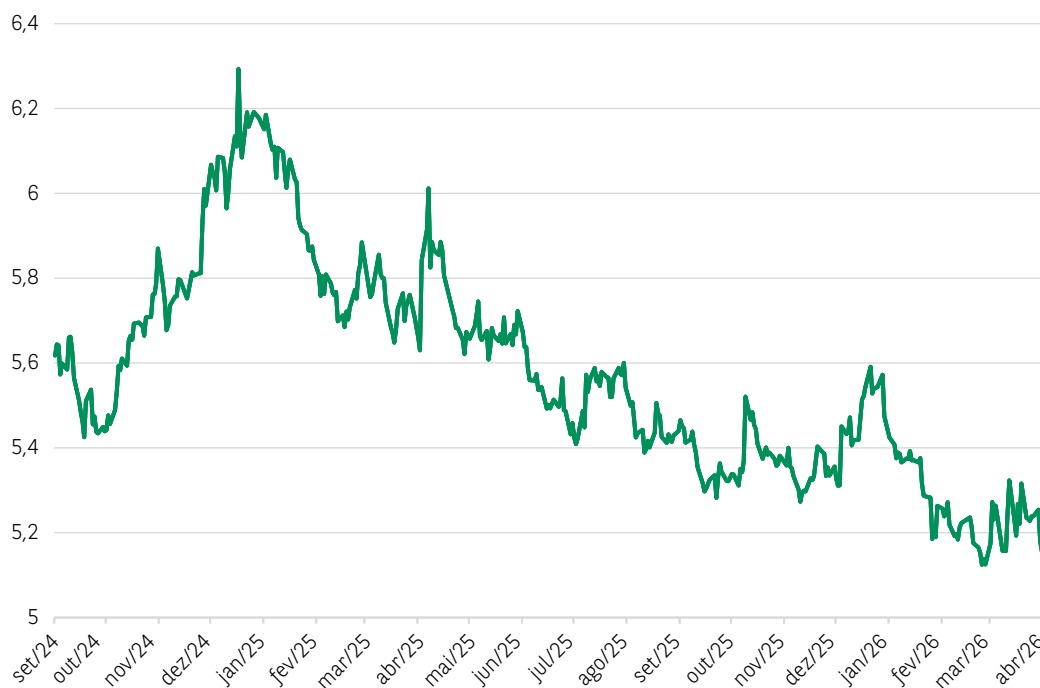
Ainda assim, a resposta ao choque tende a variar entre economias, dado que os bancos centrais se encontram em diferentes estágios do ciclo. Nos Estados Unidos, onde a curva de juros precificava dois cortes antes do conflito, a expectativa é de manutenção da taxa no intervalo de 3,5%–3,75% por um período mais prolongado — nível considerado marginalmente restritivo pelo presidente do Federal Reserve Bank (“Fed”), Jerome Powell. Na Europa, o Banco Central Europeu, cuja sinalização era manter a taxa de juros em torno do nível neutro de 2% ao longo do ano, já reconheceu a possibilidade de elevação dos juros, dado o forte impacto da alta dos preços do gás natural sobre a região. O Banco da Inglaterra, por sua vez, interrompeu o ciclo de cortes e também passou a considerar a possibilidade de alta de juros, ainda que de forma menos urgente, uma vez que a taxa básica se encontra em 3,75%. Em última instância, as decisões dependerão da magnitude, da duração do choque e da forma como cada economia absorverá seus efeitos.

// **COMO AVALIAMOS QUE O CENÁRIO MACROECONÔMICO DE FUNDO NÃO SE ALTEROU DE FORMA SUBSTANCIAL, ENTENDEMOS QUE O BANCO CENTRAL PODERIA, EM PRINCÍPIO, SEGUIR SEU PLANO PREVIAMENTE SINALIZADO** //

## ECONOMIA BRASILEIRA

O Brasil se destaca como uma das economias relativamente menos prejudicadas pelo choque do petróleo. Como exportador líquido da commodity, o país tende a se beneficiar por meio da melhora dos termos de troca, o que já se reflete em um desempenho mais favorável da taxa de câmbio, potencializado pelo elevado carregamento do real. Além disso, há impacto positivo sobre as contas públicas, com aumento da arrecadação via royalties, participação especial, dividendos e alguns tributos.

**Gráfico 02**  
Dólar/Real

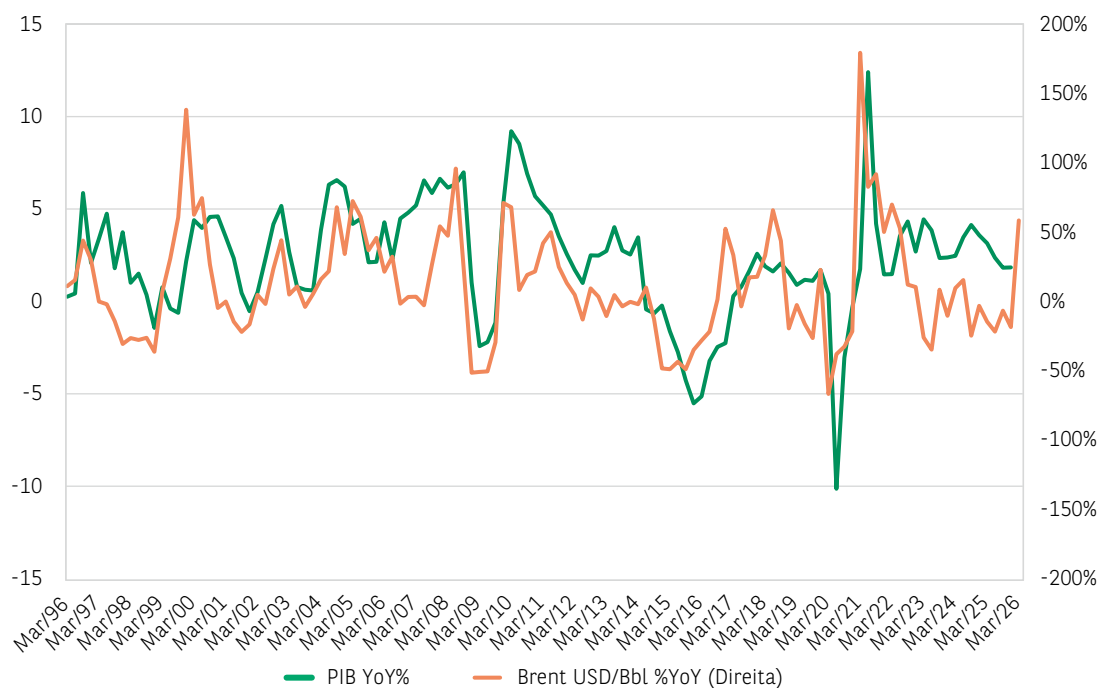


Fonte: Bloomberg 31/03/2026.

Ainda assim, os efeitos negativos sobre preços são relevantes, apesar das medidas adotadas pelo governo para mitigar parte do impacto. Uma parcela da gasolina e do diesel consumidos no país é importada, e ambos registraram alta significativa ao consumidor, afetando tanto combustíveis quanto fretes. O aumento do preço do querosene de aviação pressiona as tarifas aéreas, enquanto a alta dos fertilizantes impacta os preços de alimentos. Ademais, derivados de petróleo encarecem embalagens e bens industriais de forma mais ampla. Diante desse choque inflacionário, revisamos nossas projeções de inflação de 3,9% para 4,5% em 2026 e de 3,8% para 3,9% em 2027.

Os efeitos sobre a atividade econômica, contudo, são mais incertos. De um lado, a perda de poder de compra decorrente da inflação mais elevada, combinada ao enfraquecimento da demanda global, introduz um viés negativo para o crescimento do PIB. De outro, o desempenho da balança comercial e da indústria extrativa tende a contribuir positivamente. Diante desses sinais mistos, mantemos, por ora, nossa projeção de crescimento do PIB em 2% para 2026. No entanto, historicamente, notamos que há uma relação positiva entre o crescimento do PIB brasileiro e os movimentos do petróleo.

**Gráfico 03**  
Brasil: Crescimento do PIB vs Petróleo



Fonte: IBGE e Bloomberg; Elaboração: BNPPAM Brasil 31/03/2026

Nesse contexto de forte impacto inflacionário e efeitos mais limitados sobre a atividade, entendemos que o Banco Central do Brasil (“BC”) dispõe de menos espaço para avançar com o ciclo de cortes de juros. Assim, revisamos nossa projeção para a taxa Selic ao final de 2026 de 11,75% para 12,50%, com os próximos passos ocorrendo de forma cautelosa, em incrementos de 25 pontos-base, enquanto o conflito sustentar os preços do petróleo acima de US\$ 100 por barril. Ressaltamos, contudo, que o ciclo de flexibilização permanece incerto e dependerá fortemente dos desdobramentos do conflito.

Por fim, o BC destacou que ainda há espaço para reduzir o grau de restrição monetária, mesmo diante da alta de preços, uma vez que o país se encontrava com uma taxa de juros significativamente contracionista no momento do choque. Além disso, embora o impacto inflacionário seja relevante no curto prazo, a autoridade monetária avalia que seus efeitos são relativamente contidos no horizonte mais relevante para a política monetária, de cerca de 18 meses.

# RENDA FIXA E MULTIMERCADO



- Michael Kusunoki -

Head Renda Fixa & Multimercados

// ... A PREOCUPAÇÃO NÃO É COM O CHOQUE EM SI, MAS COM SUA PERSISTÊNCIA E CAPACIDADE DE DESANCORAR EXPECTATIVAS. //

## O cenário global entrou em uma nova fase de incerteza.

O conflito no Oriente Médio já se estende por mais de um mês, materializando o cenário mais adverso de um choque de oferta prolongado. As consequências mais visíveis estão no preço do petróleo, na intensificação dos riscos inflacionários e na forte reprecificação das curvas de juros ao redor do mundo. O que começou como um evento geopolítico localizado passou a ter impactos macroeconômicos relevantes, sobretudo por envolver um insumo central para a atividade global.

Trata-se de um choque de oferta clássico. De um lado, há restrições ao escoamento da produção, especialmente no estratégico Estreito de Ormuz, por onde transita cerca de 20% do petróleo consumido globalmente. De outro, o risco de danos diretos a instalações de extração adiciona um prêmio adicional aos preços. O resultado é um aumento persistente do petróleo, com potencial inflacionário significativo, dada a importância desse insumo como combustível da atividade econômica.

A reação dos bancos centrais foi contundente, mesmo diante da elevada incerteza quanto à duração do conflito. O Banco Central Europeu e o Banco da Inglaterra adotaram uma postura dura, sinalizando prontidão para subir juros caso necessário para conter pressões inflacionárias. A Austrália foi além e já promoveu um aperto, citando a deterioração do cenário pós-guerra. Essa reação pareceu bastante preventiva à luz de padrões históricos, nos quais o aperto costumava ocorrer apenas quando havia risco claro de contaminação da inflação medida pelos núcleos. O Fed seguiu uma linha diferente. O presidente Powell afirmou que as ferramentas da política monetária têm pouco efeito sobre choques de oferta e que os juros já se encontram em patamar adequado para um ambiente de guerra. Essa postura foi suficiente para estancar um movimento que começava a ganhar tração de precificar altas de juros nos EUA ao longo de 2026.

O Comitê de Política Monetária (“Copom”) adotou uma abordagem mais alinhada à do Fed e, a nosso ver, acertada. O BC manteve o plano de iniciar o ciclo de flexibilização da Selic, ainda que em um ritmo mais comedido, com corte de 25 bps. O comunicado enfatizou a necessidade de calibragem e evitou sinalizações mais claras sobre os próximos passos, o que faz sentido em um ambiente de incerteza elevada, no qual o horizonte relevante de análise naturalmente se encurta.

Ainda que seja prematuro avançar nessa discussão, parece válido refletir sobre os desdobramentos de um eventual pós-guerra. Uma consequência bastante provável, à luz de choques semelhantes no passado, é a perda de dinamismo da atividade econômica global. O petróleo é um insumo fundamental — literalmente o combustível da economia — e seu encarecimento corrói margens, reduz consumo e afeta a renda disponível, especialmente do consumidor americano, mais sensível ao preço dos combustíveis.

Um outro possível desfecho, mais controverso, seria o aprofundamento da desconfiança de investidores em relação aos EUA como porto seguro, com implicações relevantes para a dinâmica do dólar. Um ambiente de dólar mais fraco poderia beneficiar o real, que já tem se apoiado em uma condição geográfica e comercial relativamente favorável: estamos distantes do conflito e somos exportadores de petróleo.

No plano doméstico, um risco vem ganhando importância de forma gradual, mas consistente. As sequelas dos juros elevados estão cada vez mais visíveis, inclusive em empresas de grande porte, com acesso ao mercado de capitais, que começam a apresentar dificuldades financeiras. Esse movimento tem se intensificado e pode, em breve, se refletir de maneira mais clara nos spreads de crédito. Trata-se de um sinal de alerta relevante para o BC, que, assim como o mercado, ainda se ancora na resiliência do mercado de trabalho como evidência de uma atividade econômica relativamente forte.

Diante do aumento exponencial da volatilidade dos ativos, adotamos uma postura mais focada no gerenciamento de risco das carteiras, em detrimento da exploração ativa de oportunidades baseadas apenas em valuation atrativo. Entendemos que, na fase atual do ciclo, proteger o capital do cliente é a melhor decisão. O ambiente segue desafiador, com choques exógenos relevantes e elevada incerteza, exigindo disciplina, cautela e seletividade na alocação.

# CRÉDITO PRIVADO



- Henri Rysman  
de Lockerente -

Head de Crédito Privado

// **SETORIALMENTE, SEGUIMOS PRIVILEGIANDO CRÉDITO BANCÁRIO, REFLEXO DA REDUÇÃO DO DIFERENCIAL DE PRÊMIO ENTRE ATIVOS BANCÁRIOS E CORPORATIVOS E DA MENOR OFERTA DE EMISSÕES CORPORATIVAS.** //

**A** pós a desaceleração do mês de fevereiro, observamos uma queda adicional do fluxo de captação nos fundos de crédito em março, com entrada líquida de R\$ 0,6 bilhões nos fundos de crédito CDI e R\$ 4 bilhões nos fundos de infraestrutura. O mercado primário reverteu a tendência de queda do início do ano e teve o maior volume de 2026 com R\$ 58 bilhões em emissões (47% distribuídos), com um volume ainda importante de emissões em andamento (R\$ 86,5 bilhões). O mercado secundário também reverteu a queda dos últimos meses e atingiu o maior patamar da história com R\$ 137 bilhões de ativos negociados. (Fonte: Acompanhamento Mensal – Credit Research ABC 03/2026)

Nos papéis não isentos atrelados ao CDI, observamos uma continuação da abertura de fevereiro, sendo mais expressivo para os ativos mais high yield com uma abertura de mais de 13 bps, consequência dos eventos de crédito. No mercado isento atrelado ao IPCA, observamos uma alta mediana de 34 bps, refletindo uma demanda menor devido a uma necessidade menor de enquadramento e um conservadorismo maior do mercado.

Nas carteiras de crédito privado com foco em ativos indexados ao CDI, mantemos alocação com duration alvo de até 2 anos, de forma seletiva e com maior atuação no mercado bilateral. Setorialmente, seguimos privilegiando crédito bancário, reflexo da redução do diferencial de prêmio entre ativos bancários e corporativos e da menor oferta de emissões corporativas. Continuamos cautelosos, dado o ciclo atual de reprecificação dos spreads de crédito, a permanência da taxa SELIC em território contracionista, o cenário macro global volátil e o contexto do ano eleitoral no Brasil.

Na estratégia de infraestrutura, a alocação em risco IPCA permanece próxima de 95%. A duration média da carteira segue acima do IMA-B5, devido à maior exposição a títulos intermediários (2026-2030). Considerando o nível atrativo da taxa de juros real, entendemos que ativos indexados à inflação com duration intermediária continuam oferecendo uma boa oportunidade de diversificação.

# RENDA VARIÁVEL



- Marcos Kawakami -

Head Renda Variável

// AINDA HÁ INCERTEZAS QUE PODEM MOLDAR A TRAJETÓRIA DOS MERCADOS, PRINCIPALMENTE DO MERCADO AMERICANO. //

O mês de março foi marcado por um aumento relevante da volatilidade nos mercados globais, tendo como principal vetor o agravamento dos conflitos geopolíticos e suas repercussões diretas sobre o preço do petróleo. A escalada das tensões elevou o prêmio de risco associado à commodity, resultando em uma pressão significativa sobre os preços internacionais do barril. Esse movimento teve efeitos imediatos sobre os mercados financeiros, sobretudo no câmbio e nas curvas de juros, além de reacender discussões sobre os impactos inflacionários desse choque para a economia global. Desta maneira, em março, o índice S&P fechou em queda de 5,09%, a Nasdaq caiu 4,89%, enquanto as bolsas europeias (Euro Stoxx) registraram uma queda de 9,26%, e o MSCI World fechou o mês com queda de 6,55%.

Os mercados emergentes acabaram sofrendo mais no movimento de risk off global, fazendo com que o MSCI Emerging Markets fechasse o mês com queda de 13,26%, tendo como destaque positivo a performance de Brasil, Cingapura e Malásia, enquanto, negativamente, destacaram-se Peru, África do Sul e Coreia do Sul. Ressalta-se principalmente a fraca performance do MSCI Korea, cotado em dólares, que fechou o mês com queda de 24,79%, revertendo o forte movimento de alta que observamos no começo do ano.

Em relação às commodities, março foi um mês em que o petróleo encerrou com alta de 62,41%, negociado acima dos 100 dólares por barril, causado principalmente pelos ataques norte-americanos e de Israel ao Irã, que resultaram no fechamento do estreito de Ormuz, gerando um problema de escoamento da produção de petróleo global. Falando das commodities metálicas, ouro e prata fecharam o mês em queda após o ataque, registrando quedas de 20,44% e 19,67%, respectivamente. O minério de ferro acompanhou o petróleo, fechando o mês com alta de 8,37%, com a tonelada negociada a 106 dólares.

No Brasil, o impacto desse movimento foi duplo. Por um lado, o real apresentou uma das melhores performances entre as moedas globais, sustentado pelo elevado diferencial de juros e pelo fluxo de capitais para países exportadores de petróleo. Por outro lado, a alta do petróleo reacendeu preocupações inflacionárias, especialmente no horizonte relevante para a política monetária, o que se refletiu em uma abertura da curva de juros. Nesse contexto, o BC iniciou o ciclo de cortes com uma redução de 25 bps, sinalizando cautela adicional diante do aumento das incertezas e do risco de repasse inflacionário associado à energia.

Em ações, o Ibovespa sofreu menos do que os outros mercados emergentes, fechando em queda de 0,70% no mês, cuja performance mais positiva foi impulsionada principalmente pela forte atuação das empresas produtoras de petróleo, que possuem peso relevante na composição do índice. Mais sensível aos juros, o índice Small Caps fechou o mês com uma queda de 5,77%. Pensando em fluxo, março ainda mantém a tendência positiva de entrada de recursos estrangeiros na bolsa brasileira, com a entrada de 9,4 bilhões de reais no mês, alcançando o total de 51 bilhões no ano de 2026.

---

Do ponto de vista microeconômico, março foi um mês importante para a análise dos resultados operacionais das empresas, com a divulgação dos números do trimestre trazendo sinais mistos entre os setores. No segmento bancário, os resultados foram, de maneira geral, robustos, com crescimento de receitas e manutenção de margens em patamares elevados. Ainda assim, chamou atenção o aumento da inadimplência na pessoa física, movimento que, embora ainda controlado, merece acompanhamento mais próximo, sobretudo em um ambiente de juros elevados por um período prolongado. No setor de commodities, a mineração apresentou resultados bastante sólidos, beneficiada pelos preços mais elevados do minério de ferro e por uma dinâmica operacional eficiente. Em contraste, o setor de consumo registrou um trimestre mais fraco, com sinais de desaceleração mais evidentes no mês de dezembro, historicamente o período mais forte dentro do trimestre, o que reforça a leitura de um consumidor mais cauteloso e sensível às condições financeiras.

Esse ambiente mais desafiador para a bolsa, especialmente ao longo das últimas semanas, acabou criando oportunidades interessantes do ponto de vista de valuation. Observamos que diversos ativos voltaram a negociar em patamares de preços bastante atrativos, movimento que se manifesta de forma ainda mais intensa no universo de empresas de menor capitalização. O índice de Small Caps atingiu o menor nível relativo em comparação ao Ibovespa, refletindo uma combinação de fatores estruturais, como menor presença de empresas exportadoras de commodities, maior perfil de crescimento — e, portanto, maior sensibilidade à taxa de desconto — além de uma alavancagem média superior à do índice amplo. Em momentos de maior aversão ao risco, essas características tendem a amplificar os movimentos de correção, mas também criam assimetrias relevantes quando o cenário se estabiliza.

Olhando adiante, o ambiente segue desafiador e sujeito a eventos que podem gerar volatilidade significativa. A duração do conflito geopolítico e a definição de um novo patamar de equilíbrio para o preço do petróleo permanecem como incógnitas relevantes. A depender da evolução desses fatores, poderemos observar mudanças importantes nas expectativas de inflação, no comportamento das curvas de juros e na alocação global de capitais, o que reforça a necessidade de uma gestão ativa e disciplinada dos portfólios.

Nesse sentido, vale reforçar que já vínhamos destacando que 2026 seria um ano marcado por maior volatilidade nos mercados. Os eventos recentes acabaram antecipando esse movimento, trazendo para o curto prazo uma dinâmica que esperávamos observar de forma mais gradual ao longo do ano. Diante desse cenário, seguimos convictos da importância de uma estratégia de investimentos equilibrada, com foco em empresas de alta qualidade, que apresentem fundamentos sólidos, boa governança e capacidade consistente de geração de caixa. Não adotamos, neste momento, uma restrição setorial rígida, priorizando a seleção de ativos que combinem essas características com níveis de valuation mais atrativos.

Continuaremos acompanhando de forma atenta as variáveis macroeconômicas, os desdobramentos políticos e a evolução das condições de liquidez, tanto no cenário doméstico quanto internacional. Esse monitoramento constante nos permite ajustar as carteiras de maneira ágil, buscando proteger o portfólio em momentos de maior estresse e, ao mesmo tempo, capturar oportunidades que surjam em ambientes de maior volatilidade, sempre com foco na preservação de capital e na construção de valor no longo prazo.

# FUNDO DE FUNDOS



- João Uchoa Borges -

Head Fundo de Fundos

// ...A NARRATIVA DE ALTA TECNOLOGIA, QUE HAVIA SUSTENTADO OS GANHOS DE INÍCIO DE ANO, SOFREU UM DESGASTE SIGNIFICATIVO. //

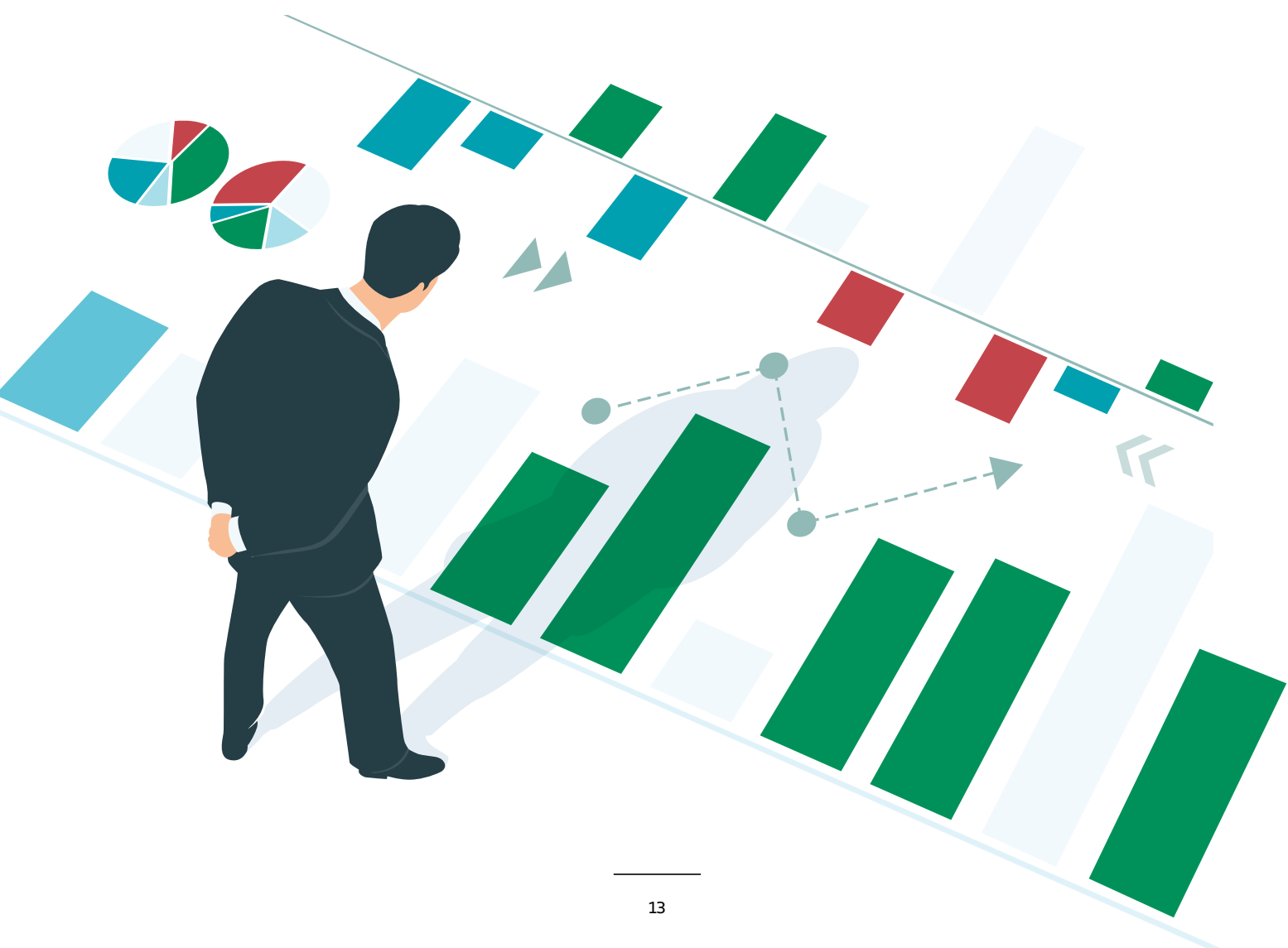
O mês foi dominado pela crise no Oriente Médio, que manteve os preços do petróleo em patamares elevados e ampliou a incerteza sobre a duração e a extensão do choque de oferta. O impacto imediato foi sentido nas expectativas inflacionárias globais, forçando os bancos centrais a adotarem posturas mais cautelosas. O Fed adiou novos cortes para o segundo semestre, enquanto outras autoridades – na Europa, Reino Unido e América Latina – também sinalizaram que não devem reduzir as taxas básicas de juros como se esperava originalmente, focando nos indicadores de núcleo de inflação e nas pressões de custo de energia. Assim, os mercados de renda fixa registraram um aumento expressivo das taxas de curto e médio prazo e elevou a volatilidade dos ativos de risco, revertendo a onda de “risk-on” que havia surgido nos primeiros meses do ano.

No Brasil, diante da mencionada incerteza, o COPOM iniciou o ciclo de afrouxamento monetário com um corte de apenas 25 bps e sinalizou uma postura mais cautelosa. A projeção de inflação para 2026 subiu aproximadamente 50 bps, chegando perto de 4,5 %, após o IPCA-15 de março vir acima das expectativas devido a itens voláteis, embora o núcleo permanecesse relativamente estável. O Ibovespa recuou 0,9% no mês, mas ainda superou o desempenho dos principais índices estadunidenses que caíram em torno de 5%. O peso das commodities, aliado ao fato de o Brasil ser exportador de petróleo, ofereceu um amortecedor ao impacto de custos de energia sobre a atividade doméstica, apesar das pressões fiscais e da proximidade das eleições presidenciais.

O horizonte futuro depende essencialmente da evolução do conflito petrolífero. Uma resolução rápida poderia restabelecer o apetite por risco, melhorar a perspectiva de cortes mais agressivos nos juros globais e tornar os ativos brasileiros ainda mais atrativos, dado seu potencial de retornos positivos e o prêmio de risco agora embutido nos preços. Por outro lado, se a crise se prolongar, a inflação global permanecerá elevada, os bancos centrais manterão políticas restritivas e a aversão ao risco continuará a pesar sobre as bolsas emergentes, exigindo dos investidores uma postura defensiva, enquanto se monitoram de perto os desdobramentos geopolíticos e os indicadores de inflação e atividade econômica no Brasil.

# ÍNDICES

	CDI	IRF-M	IMA Geral	IMA-B	IMA-B 5	Dólar	Ibovespa	IBX	SMLL
<b>Março</b>	1,21%	-0,59%	0,55%	0,17%	1,39%	1,05%	-0,70%	-0,64%	-5,77%
<b>2026</b>	3,14%	2,36%	3,07%	2,98%	3,87%	-5,41%	16,35%	16,55%	5,75%
<b>12 meses</b>	14,79%	15,65%	14,36%	12,66%	12,47%	-9,03%	43,91%	43,79%	26,95%



Este documento foi produzido pelo Banco BNP Paribas Brasil S.A. ou por suas empresas subsidiárias, coligadas e controladas, em conjunto denominadas 'BNP Paribas Brasil', com fins meramente informativos não se caracterizando como oferta ou solicitação de investimento ou desinvestimento de ativos. O BNP Paribas Brasil é instituição financeira regularmente constituída e em funcionamento no país e devidamente autorizada pelo Banco Central do Brasil e habilitada pela Comissão de Valores Mobiliários para a distribuição de cotas de fundos de investimentos. A BNP Asset Management Ltda. é a instituição devidamente autorizada pela Comissão de Valores Mobiliários como prestador de serviços de administração de carteiras categoria gestor de carteira.

Apesar do cuidado na obtenção e manuseio das informações apresentadas, o BNP Paribas Brasil não se responsabiliza pela publicação acidental de informações incorretas, nem tampouco por decisões de investimento tomadas com base nas informações contidas neste documento, as quais podem sofrer mudanças a qualquer momento sem aviso prévio. Esse material não caracteriza nenhuma oferta de investimento. Antes de qualquer decisão de investimento, é obrigatório certificar-se sobre o seu perfil de risco X perfil de risco do produto pretendido, nos termos da regulamentação em vigor. Esse documento contém informações e declarações prospectivas referentes ao BNP Paribas Brasil e ao mercado em geral. Essas declarações não constituem fatos históricos e abrangem projeções financeiras e estimativas, bem como hipóteses sobre as quais estão baseadas declarações relativas a projetos, objetivos e expectativas relacionadas às operações, produtos e serviços futuros ou performances futuras. Essas declarações prospectivas podem ser identificadas pelas palavras «esperar», «antecipar», «acreditar», «planejar» ou «estimar», bem como por outros termos similares; Informações e opiniões contidas neste documento foram obtidas de fontes públicas por nós consideradas confiáveis, porém nenhuma garantia, explícita ou implícita, é assegurada de que as informações são acuradas ou completas, e em hipótese alguma podemos garantir a sua ocorrência. O BNP Paribas Brasil não assume qualquer compromisso de publicar atualizações ou revisões dessas previsões. Este documento foi produzido para uso exclusivo do seu destinatário, não podendo ser reproduzido, ao todo ou em parte, sem prévio consentimento do BNP Paribas Brasil. Caso V.Sa. não seja o destinatário pretendido, qualquer divulgação, cópia, distribuição ou qualquer ação conduzida ou omitida para que se baseie nisso, é proibida e pode ser considerada ilegal. O BNP Paribas Brasil não se responsabiliza por eventual perda causada pelo uso de qualquer informação contida neste documento. Leia a lâmina de informações essenciais e o regulamento antes de investir. Rentabilidade obtida no passado não representa garantia de resultados futuros.

Em janeiro/2025, a Fitch Ratings reafirmou o Rating Qualidade de Gestão de Investimentos da BNP Paribas Asset Management Brasil Ltda. ("BNPP AM Brasil") para "Excelente". A Perspectiva do Rating é Estável. A reafirmação do rating 'Excelente' da BNPP AM Brasil reflete a opinião da Fitch de que a gestora tem capacidade de investimento e características operacionais fortes. Os Ratings de Qualidade de Gestão de Investimentos seguem uma escala Global e são atribuídos em escala descritiva de cinco graus que vão de "Excelente" até "Fraco". Os ratings mais elevados - 'Excelente' e 'Forte' - são aplicados a gestores de recursos que atendam ou excedam os padrões tipicamente aplicados pelos investidores institucionais nos mercados internacionais. A metodologia de Atribuição de Ratings de Qualidade de Gestão de Investimentos da Fitch Ratings foi projetada para sistematicamente capturar, avaliar e reportar os principais atributos da plataforma operacional e de investimentos de um gestor de recursos, focando cinco pilares principais: processo de investimento; recursos de investimento; gestão de riscos; desempenho do investimento; e companhia, incluindo atendimento aos clientes. Para obter informações adicionais sobre a metodologia, acesse o website da agência, 'www.fitchratings.com.br'.

Você poderá acessar a Ouvidoria pelo telefone – 0800-7Des15999 ou através do e-mail: ouvidoria@br.bnpparibas.com – O horário de funcionamento da Ouvidoria é de segunda-feira à sexta-feira, das 9h às 18h. Acesse: brasil.bnpparibas (Administrador) ou bnpparibas-am.com/pt-br (Gestor). MATERIAL DE DIVULGAÇÃO. Abril/2026. CP 05.2026

# VIEWPOINT



CP 10.2026



## BNP PARIBAS ASSET MANAGEMENT

## O investidor sustentável para um mundo em mudança